

CONSTRUINDO VALORES SOCIAIS E EDUCACIONAIS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA ESPORTE E EMANCIPAÇÃO

Leandro Mendes Andrioni¹

RESUMO: Este artigo é baseado em um relato de experiência, que vivenciei durante uma aula que lecionei, enquanto acadêmico bolsista de extensão, da UNOCHAPECÓ, onde atuo no programa esporte e emancipação, no projeto escola cultura de movimento, ministrando aulas de educação física, no primeiro semestre do ano de 2009. Esta experiência tem como tema central a construção de valores sociais e educacionais, através de discussões e da problematização de temas transversais, proporcionando a articulação real entre teoria e prática. Fato que reforça a importância de programas de extensão universitária, buscando a consolidação da cidadania e da autonomia, contribuindo assim no processo de emancipação humana, a partir da promoção da cidadania ativa e valores sociais e humanos entre professor e aluno no processo de ensino/aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: educação física; ética; e respeito;

INTRODUÇÃO: Venho através deste breve texto, enquanto acadêmico bolsista de extensão, da UNOCHAPECÓ, onde atuo no programa Esporte e Emancipação, no projeto Escola Cultura de Movimento, ministrando aulas de educação física, relatar uma experiência que ocorreu durante uma aula que ministrei, no primeiro semestre do ano de 2009.

Nesse período lecionei com turmas de crianças na faixa etária de seis a quatorze anos. As aulas aconteceram no espaço do ginásio de esportes da UNOCHAPECÓ e arredores. As atividades desse projeto, tem como objetivo que os alunos vivenciem, conheçam e experimentem atividades relacionadas a cultura corporal de movimento. Dentro da perspectiva de inclusão e cidadania que norteia os programas e projetos de extensão universitária da UNOCHAPECÓ, discutimos temas transversais com os alunos, sendo discutido na ocasião, os temas “*ética e consumo*”.

Nas aulas de educação física do projeto Escola Cultura de Movimento, optei por discutir com os alunos a ética no esporte, tema do qual surgiram questões tais como: *Em que momentos de um jogo ou pratica esportiva a ética está presente? Nessa perspectiva, através do dialogo com os alunos construiríamos um conceito, de o que é ética? E qual sua relação com o esporte?*

Definimos ética como sendo a ciência da moral e dos bons costumes. O que para os alunos quer dizer: respeitar os pais, professores, colegas, não falar palavrões, saber ouvir, não roubar e não brigar. Para esses alunos a ética estava atrelada ao respeito, pois todos citaram de alguma maneira a palavra respeito, mas também tinha uma ligação com o cumprimento ou descumprimento de regras, como brigar ou roubar, aspectos que refletiam de certa forma as relações destes alunos no contexto social ao qual estão inseridos. A ética no esporte para eles estava ligada a pratica leal do jogo, sem jogadas violentas ou agressões e ao respeito as regras, que em sua maioria eles mesmo criavam. Durante uma aula na qual o objetivo da atividade era fazer com que os alunos desenvolvessem a cooperação aconteceu um fato, que irei relatar. Este veio de encontro ao tema da ética, pois foi muito pertinente para nossa discussão naquele momento, por isso resolvi relatar essa

¹-Acadêmico do Curso de Educação Física da UNOCHAPECÓ, bolsista da extensão universitária do projeto escola cultura de movimento do programa esporte e emancipação Fonte Financiadora Fundeste email: lmendes@unochapeco.edu.br

experiência, pois foi muito proveitosa para meu crescimento enquanto acadêmico e profissional em formação.

METODOLOGIA : Concordo com Elenor Kunz, quando este diz que:

a teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatória precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevaência de todo agir educacional. E uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre, numa racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a educação é sempre um processo onde se desenvolvem ações comunicativas. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (KUNZ, 1994 p.29-30).

Nessa perspectiva da teoria crítico-emancipatória, fundamento meu agir metodológico, buscando através do diálogo, das discussões, dos questionamentos e da problematização de situações durante as atividades, visando assim desenvolver com os alunos, não apenas as capacidades físicas, mas também a capacidade de reflexão crítica, com relação a questões que surgem durante as aulas, e que fazem parte do seu dia-dia no contexto no qual constroem suas relações interpessoais, buscando uma autonomia e emancipação pessoal, enquanto cidadãos que podem contribuir efetivamente para uma mudança e melhora nas relações sócio-culturais entre as pessoas.

RELATO DA EXPERIENCIA: A experiência que irei aqui relatar ocorreu durante uma aula de educação física do projeto escola cultura de movimento. Como citei anteriormente, estávamos vivenciando atividades cooperativas e havíamos começado a discutir sobre o tema ética e sua relação com o esporte. Na aula anterior havíamos criado um novo jogo, que chamamos de basquete adaptado, o objetivo era acertar a bola na cesta de basquete, sendo a bola do jogo de voleibol, e as regras foram formuladas pelos alunos em comum acordo, sendo estas um misto de regras de handebol e basquetebol.

Como de costume, conversamos no início e no final das atividades, quando pontuamos e discutimos os objetivos para a aula, e comentamos sobre fatos que ocorrem durante a mesma. Iniciei a aula naquele dia, pontuando as regras que foram formuladas para o jogo e questionei os alunos sobre quais seriam as possibilidades para jogar o basquete adaptado, naquela ocasião não havíamos discutido o tema da ética, pois estávamos em processo de construção de uma atividade que era novidade para todos, e os alunos estavam todos inquietos e ansiosos para experimentarem o novo jogo, então dividimos as equipes e iniciamos o jogo.

Os alunos estavam tendo um pouco de dificuldade no andamento do jogo, por conta de que as regras ainda não estavam bem claras para alguns alunos, foi quando eles me pediram para que eu fosse o árbitro do jogo. Eu não costumo arbitrar durante as aulas, pois acredito que as regras em um jogo que acontece durante uma aula, devem ser formuladas e aceitas em comum acordo entre o professor e os alunos, e ambos devem respeitá-las, não sendo necessário qualquer intervenção do professor, porém nessa aula, percebi que arbitrar seria a melhor solução, pois os alunos estavam um pouco eufóricos.

Em um dado momento da atividade, a disputa entre os alunos ficou um pouco mais áspera, devido ao jogo ter um pouco mais de contato físico, e algumas discussões ocorreram. Eu já pensava em pontuar alguns fatos desagradáveis ao final da atividade, quando num momento de desatenção minha, apitei falta em um lance, foi quando o aluno que eu imaginava que havia sofrido a falta se levanta e me diz: *“não foi falta professor, a bola é deles”* (da outra equipe), imediatamente um jogador da sua equipe diz: *“fica quieto foi falta sim, foi o professor quem marcou”*, e o primeiro responde: *“não foi falta, eu tropecei sozinho,*

nós não precisamos “roubar” para ganhar, isso é só um jogo”.

Num primeiro momento fiquei indeciso sobre o que fazer, mas logo em seguida antes que o jogo recomeçasse, reuni todos os alunos no centro da quadra, pois havíamos vivenciado uma atitude de ética no esporte num exemplo prático. Iniciei logo uma discussão com os alunos sobre a atitude do colega, e questionamos o posicionamento do seu oponente. Todos concordaram que não seria justo que uma equipe se beneficie de um erro de arbitragem para conseguir uma vitória, e também na nossa vida enquanto cidadãos, é nosso dever agir sempre com ética e caráter, para que possamos fazer parte de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos respeitem as leis e regras com justiça e lealdade, contribuindo para que possamos ter mais respeito e consideração uns com os outros.

Discutimos também a relação entre o “nosso” jogo enquanto atividade da cultura de movimento, com regras elaboradas e construídas pelos alunos, e o esporte de rendimento, profissional e institucionalizado, com regras universais. Questionamos até que ponto o esporte contribui positiva e negativamente, na nossa formação educacional e social como cidadãos, pois os alunos concordaram em, que se o mesmo fato que ocorreu durante nossa aula, acontecesse em um jogo de futebol, por exemplo, em alguma competição profissional, a atitude de um atleta seria diferente, devido a uma serie de fatores que não nos convêm discutir aqui.

Não quero de maneira alguma criticar o esporte, pois o entendo como um importante instrumento educacional, mas penso que seja relevante expor esse ponto de vista. No esporte estão imbricados códigos e significados advindos da sociedade que o cria e o pratica, por isso devemos compreender que existe o esporte na escola e o esporte da escola, e a diferença está na forma com que o professor se utiliza dele na escola, e qual sua abordagem pedagógica. Conforme o coletivo de autores (1992 p.71) “na escola é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual”. É preciso desmistificar o esporte e seu vínculo com a saúde, a escola deve promover a compreensão de significados e valores que assegurem o direito a prática esportiva, pois o esporte tem uma importância significativa no contexto sócio-econômico-cultural e não podemos esquecer enquanto educadores, que o esporte será o que nós fizemos dele.

Podemos concordar com Kunz(1991, p.187-188) quando ele cita que: “não basta mudar a estrutura e forma dos movimentos esportivos, ou o seu desenrolar, mas as próprias regras e estruturas deste sistema esportivo.

A partir dessas discussões, e da minha relação com os alunos, começamos a construir conceitos e produzir novos conhecimentos com relação os temas discutidos. Essa experiência, e também tantas outras, que vivenciamos e experimentamos, enquanto acadêmicos atuando nos programas e projetos da extensão universitária, contribuem de maneira impar durante a nossa formação, pois nos possibilita esse contato real com o contexto em que atuamos, para podermos moldar nossa pratica pedagógica na nossa área de atuação, além da articulação entre o ensino e a pesquisa e a teoria e a prática. De forma que através dessa vivencia e do contato com os educandos, temos a oportunidade analisar, refletir, construir e reconstruir conceitos e valores sociais e educacionais, fundamentados e pautados na ética, moral, e respeito. Durante as provocar nos alunos questionamentos e reflexões, que façam com que eles possam descobrir novas perspectivas e possibilidades, sobre os temas que discutimos na teoria, e de que forma isso acontece na prática, e tenho visto resultados muito positivos a esse respeito, como na ocasião que acabo de relatar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Quero novamente ressaltar a importância de atuar nos programas e projetos da extensão universitária enquanto acadêmico durante o processo de formação profissional, pois como já citei, essa é uma oportunidade impar de contato real com a prática em nossa área de atuação, na busca pela autonomia e capacitação profissional. É o momento onde podemos articular a teoria que estudamos em sala de aula com a prática buscando estabelecer nexos, contrapontos e desafiando-nos a adotar uma

postura metodológica coerente com nos nossos objetivos e propósitos. Essa busca nos remete à necessidade de percebermos a importância de realizarmos intervenções pedagógicas relevantes, que articulam teoria e prática, possibilitando a intervenção na realidade o que nos possibilita articular de forma mais intensa e problematizadora as questões entre o ensino e a pesquisa. A metodologia deve ser entendida como postura e não apenas como recurso no processo de formação profissional, dando assim um sentido/significado para a prática pedagógica e a ética e conduta do professor.

Penso que nós, enquanto futuros educadores temos o dever de pensarmos uma educação pautada em valores como, ética, respeito, inclusão e cidadania, e nos preocuparmos com a formação de sujeitos capazes de se perceberem incluídos e integrados a um contexto sócio-econômico-cultural. Para que isso possa acontecer na prática, será necessário quebrarmos alguns paradigmas, e também repensarmos alguns conceitos, e/ou preconceitos, a muito ultrapassados, no que diz respeito a educação. A teoria crítico-emancipatória nos mostra que o professor deve incentivar a construção de conhecimento do seu aluno, possibilitando a este questionar, criar e construir através das inter-relações entre professor/aluno e aluno/aluno no processo de ensino/aprendizagem, para que ambos (re)construam conhecimento. Essa interatividade entre professor e aluno, é condição essencial para o agir metodológico, na abordagem crítico-emancipatória de ensino, pois nessa perspectiva, entendemos o aluno como agente transformador da cultura de movimento, criando-a, produzindo-a, reproduzindo-a e transformando-a.

Essas ações puderam ser evidenciadas nessa experiência aqui relatada, bem como as tensões surgidas dessa vivência demonstram como é importante investir e reconhecer as influências das relações interpessoais entre os alunos. Essas referências são percebidas na prática durante as atividades, quando os alunos se expressam através de suas atitudes, como na experiência aqui relatada, uma experiência marcante e muito gratificante. Penso que não somente podemos, mas temos o dever, enquanto educadores preocupados com a educação e formação do caráter e da personalidade, dos nossos alunos, de demonstrarmos uma postura crítica, problematizadora e questionadora, para que nossos alunos tenham autonomia e descubram, através de questionamentos e reflexões, novos horizontes e novas perspectivas no contexto das ações humanas.

FONTE FINANCIADORA: FUNDESTE.

REFERÊNCIAS:

- BETTI, M. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BRACHT, Valter. *A Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99 1999.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte* Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.
- KUNZ, E. e TREBELS, H. A. *Educação física crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- KUNZ, Elenor. *Educação física: ensino e mudanças*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- KUNZ, Elenor. *Educação física: ensino & mudanças*. Ijuí: UNIJUI, 1991.
- BETTI, Mauro, ZULIANI, Luís Alberto. *Educação Física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas*. Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes. São Paulo, v. 1, n.1, 2002.

